

Conselleiro de Innovación e Industria  
Fernando X. Blanco Álvarez

Secretario Xeral da Consellería de Innovación e Industria  
Emilio Nogueira Moure

Director Xeral de Turismo  
Rubén C. Lois González

Director-xerente da S. A. de Xestión do Plan Xacobeo  
Ignacio X. Rodríguez Eguíbar

Delegada Provincial da Consellería de Innovación e Industria en Pontevedra  
Montserrat Prado Cores

Actas do Congreso *O camiño de Santiago para o século XXI. O Camiño Portugués*,  
celebrado en Pontevedra os días 22, 23, 24 e 28 de marzo de 2007, promovido  
e organizado por:

Consellería de Innovación e Industria  
Dirección Xeral de Turismo  
S. A. de Xestión do Plan Xacobeo

Coa colaboración do Proxecto Traslatio (Herdanza Cultural do Camiño Portugués), Concello de Pontevedra e  
Universidade de Vigo

**Edita:**

Consellería de Innovación e Industria  
Dirección Xeral de Turismo  
S. A. de Xestión do Plan Xacobeo

**Colabora:**

Proxecto Traslatio (Herdanza Cultural do Camiño Portugués)

**Realiza:**

Lúdica7

Dep. Legal: C 4405-2007  
ISBN: 978-84-453-4544-3

## O CAMIÑO PORTUGUÉS

Actas do congreso  
O Camiño de Santiago para o século XXI  
O Camiño Portugués

Pontevedra, 22, 23, 24 e 28 de marzo de 2007

*Fernando Blanco Álvarez  
Pontevedra 2008.04.04*

XUNTA DE GALICIA  
CONSELLERÍA DE INNOVACIÓN E INDUSTRIA  
Dirección Xeral de Turismo  
S. A. de Xestión do Plan Xacobeo

## MARCAS DA DEVOÇÃO E DA PEREGRINAÇÃO JACOBEIAS EM PORTUGAL

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha  
Professor da Universidade Católica Portuguesa (Porto)

“Peregrinamos na terra; durante a peregrinação, suspiramos; mas ao chegar à pátria, sentiremos grande alegria. No decorrer da viagem encontramos companheiros que já viram a cidade e nos convidam a correr para ela. Com isso rejubila o Salmista que diz: *Que alegria quando me disseram; vamos para a casa do Senhor! Corramos, portanto, porque vamos para a casa do Senhor, corramos sem nos cansarmos porque havemos de chegar aonde nunca mais nos cansaremos!*”.

É Santo Agostinho a comentar o Salmo 121. A peregrinação é uma *metáfora* da vida do homem. Por isso ela faz parte do patrimônio religioso da Humanidade, a Oriente e a Ocidente. Todas as religiões que passaram pela revolução profética se abriram à universalidade também através da ritualidade do peregrinar.

### I.

Por isso, cedo os europeus começaram a peregrinar e, desde logo, à morada dos deuses, a “majestosa morada do senhor dos Trovões”.

Desta peregrinação do tempo pagão, há em Portugal enraizada e milenar memória popular<sup>1</sup> que é uma espantosa faculdade. Também na literatura clássica, e não procuro agora na poesia grega, nos ficou memória dela. Em Ovídio, por exemplo:

“Há nos céus uma via láctea e duma deslumbrante brancura, visível em [noite de] céu sereno. É por ela que os Imortais sobem à majestosa morada do Senhor dos Trovões. À direita e à esquerda, sob os pórticos sempre abertos, residem os deuses [principais]; os menores habitam outros lugares. Os deuses mais poderosos e os de maior categoria habitam logo à entrada deste lugar a que, se me é permitida uma tal linguagem, ousou chamar o Empíreo<sup>2/3</sup>”.

Mas podemos também escutar Cícero (106-43 a. C.):

«- [Meu filho:] ... Procura viver com justiça e piedade e não esqueças o respeito que deves aos teus pais, aos teus próximos, e sobretudo à tua pátria. A vida assim vivida é uma estrada que te conduzirá ao céu e à assembleia daqueles que já viveram e habitam agora, libertos já do corpo, naquele lugar que vês". E meu Pai mostrava-me esse círculo que brilha pela sua deslumbrante brancura no meio de todas as luzes celestes e que vós, numa expressão que pedistes emprestada aos Gregos, chamais a Via Láctea. Do alto deste orbe luminoso, eu contemplo o universo, revestido de magnificência e de maravilhas»<sup>4</sup>.

Estes textos de Ovídio e Cícero não podem deixar de obrigar-nos a formular perguntas. Conhecido o antropomorfismo das religiões grega e romana, é lícito supor que foi no exemplo dos humanos que Ovídio modelou o caminho dos deuses para a morada do Senhor dos Trovões, e foi neste que Cícero fundamentou a exemplaridade moral que inculcava no espírito do destinatário do seu livro *De republica*. Os antigos pagãos peregrinavam ao encontro da divindade, no sentido do caminho do Sol, até ao *Finis Terræ*, ao *Occidens*<sup>5</sup>, o lugar onde o Sol morria.

O nosso Aquilino Ribeiro registou por escrito esta tradição<sup>6</sup>:

"- A Via Láctea foi o caminho que S. Tiago tomou quando entrou no Paraíso, não foi Senhor Pe. Santos? - disse o Basco acompanhando o gazeio com um sorriso que lhe franzia os lábios delgados, cheio de meiga e grácil timidez.

- Meteu por ela S. Tiago - disse o frade - mas antes, segundo Ovídio, já metiam os imortais quando se dirigiam à morada do Senhor dos trovões. A lenda cristã enxertou-se no mito, mas não é daí que vem mal ao mundo."

Os cristãos tentaram inverter este sentido, passando a demandar, por contraposição e conforme lho permitiam as circunstâncias políticas, o lugar onde nascera o "Sol da Justiça" (Mal 4,2), aquele que a Liturgia chamava o *Oriens (Oriente)*<sup>7</sup>. Desde o séc. IV que conhecemos o nome de vários cristãos, homens e mulheres, que peregrinaram ao Oriente, o lugar onde tudo aconteceu. Como não recordar o nome de Etéria, uma mulher talvez galega, que partiu "do extremo litoral do oceano ocidental", como diz Valério?<sup>8</sup>.

Esta peregrinação ao Oriente não pararia de crescer durante toda a Idade Média. Em 1222, por exemplo, Pedro Lourenço dispunha assim no seu testamento: "Item cuidam homini, qui eat pro me, et pro se ad Jerusalem viginti morabitanos"<sup>9</sup>. Curioso que este mesmo Pedro Lourenço deixe também à igreja de *Sancto Jacobo de Galeçia unum morauitinum!*

Apesar do crescendo peregrinatório que levava os cristãos europeus ao Oriente, não se apagou a memória da antiga peregrinação ao Finisterra, o lugar onde o Sol morria. E precisamente quando a peregrinação ao *Oriens* (o lugar onde o sol nascia) se tornou difícil ou mesmo

impossível com o aparecimento dos árabes, a pagã, ao *Occidens* (o lugar onde o sol morre), renasceu cristianizada, rapidamente e com grande força, e referida ao Apóstolo Santiago. Porquê Santiago, o *filho do Trovão* (Mc 3,17)? Estou convencido de que do *Filius Tonitrualis*, Júpiter, ao *Filius Tonitru* o salto foi curto.

O que é verdade é que, a partir do séc. IX, se iniciou um silencioso processo de aculturação entre a velhíssima tradição religiosa pagã e a nova devoção jacobea. Desta mistura cultural restam inúmeros testemunhos na cultura portuguesa, na popular e na erudita. Não vou agora falar disto, mas quero deixar claro que a peregrinação a Compostela feita a partir de território português começou cedo, e no contexto da Reconquista.

Em 1063, o Bispo Sisnando do Porto e o Abade da Colegiada de Guimarães acompanham o rei Fernando Magno (1037-1065) na peregrinação que este fez a Compostela antes de empreender a conquista de Coimbra, a pedir a ajuda do Apóstolo. Seis meses depois, conquistada a cidade, o mesmo Fernando Magno, acompanhado agora de Sennando, governador da mesma, voltou a Compostela para agradecer ao Apóstolo tão importante vitória<sup>10</sup>.

Porém, muito antes disso, em 899, já os Bispos Nausto de Coimbra, Argemiro de Lamego, Gomado do Porto, Teodomiro de Viseu e outro Argimiro, este de Braga, se tinham deslocado a Compostela para a consagração da sua segunda basílica. E antes ainda, em 862, já o citado Bispo Nausto consagrara ao Apóstolo a *basilica* de Castelo de Neiva. E muitas coisas mais a que agora me não refiro.

Tinha começado uma imparável devoção ao Apóstolo e uma intensa peregrinação por terras e caminhos portugueses. De tudo isto há inúmeros testemunhos: na Literatura, nas artes plásticas e na arquitectura, na hagiografia e na toponímia, no costumeiro, no lendário, no adagiário, nas festas, no remanescente da escatologia pagã grega e romana, nas histórias das paróquias e das devoções, etc., etc.<sup>11</sup>.

## II.

Exceptuado o pano de fundo da escatologia pagã, quero mostrar de tudo isto um pouco. Porque à volta do Caminho português de Santiago os interesses são tantos e o barulho tão intenso, é preciso dizer que a devoção e peregrinação jacobea deixaram na cultura popular e na *letrada* marcas espalhadas por todo o país. A maior parte, e talvez as melhores, não estão no eixo Lisboa/Valença. A intensa ocupação do litoral português, nomeadamente nas regiões adjacentes às cidades de Lisboa e Porto, provocou uma profunda alteração da paisagem e destruiu praticamente tudo. A cultura massificada fez o resto. Assim, no que respeita à peregrinação e à devoção jacobea em Portugal, quem quiser ver os seus melhores testemunhos, caminhar os caminhos de ontem ainda com a sua paz e a Natureza possivelmente intactas, procure as alternativas, aí onde o que de Deus é invisível se torna visível ao homem através das suas obras (Rm 1,20).

Proponho-me, portanto, deixar aqui algumas imagens do imenso património jacobeu português, tentando ou pedindo que ele seja estudado enquanto é tempo, enquanto existe. Apenas algumas imagens que possam levar a muitas mais.

1. Desde logo este mapa. Para explicar que **os caminhos portugueses de peregrinação** não eram exclusivamente no sentido Sul/Norte. Isso é verdade só em parte. Muitos dos peregrinos que passavam no nosso território, provinham não do sul de Portugal, mas da vizinha Espanha, nomeadamente das zonas adjacentes da Via da Prata, a grande estrada romana que ligava Sevilha, e mesmo Cádiz, a Astorga, por Mérida, Cáceres e Salamanca, e que traçava portanto uma linha paralela à fronteira portuguesa. Era o “caminho moçárabe” (foto 1). Isto é, muitos desses peregrinos não contornavam a fronteira, mas, onde mais lhes convinha, entravam em território português, cortando direito a Compostela. (foto 2)



Foto 1

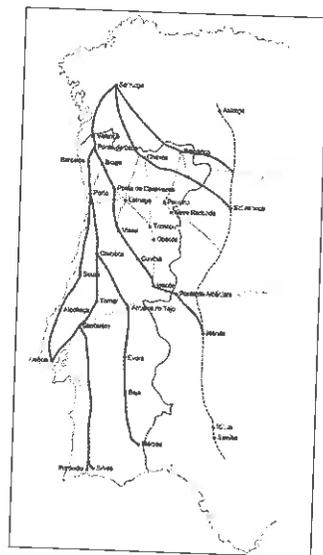


Foto 2

Fizeram trajectos destes alguns dos peregrinos estrangeiros que deixaram relatos de peregrinação a Compostela: em 1466, Leão de Rozmital (entrado por Cova da Barca, a norte de Barca de Alva, e saído por Elvas)<sup>12</sup>, em 1494, Jerónimo Münzer (Sevilha Lisboa Porto Valença)<sup>13</sup>, em 1669, Cosme de Medicis entrou por Elvas e dirigiu-se a Lisboa e depois ao Porto, rumando de seguida a Compostela<sup>14</sup>, e, em 1736, Diego Torres Villaruel que, entrado por Almeida, se dirigiu a Valença por Lamego e Braga<sup>15</sup>.

Caminho semelhante a este último poderia ter feito S. Francisco de Assis, a ser verdade que, como diz a tradição e defende Ciudad Rodrigo, que guarda uma sua roupeta, depois de ter

estado em Ciudad Rodrigo, se terá dirigido a Compostela. Aquilino Ribeiro regista a memória popular de que esse grande homem do séc. XIII passou em Caria (Moimenta da Beira), onde fundou um mosteiro. Exactamente em Caria, na aldeia de Vila Cova, há uma ermida de Santiago, sinal claro de caminho de peregrinação.

“- Neste sítio, Libório, descansou o grande padre S. Francisco de jornada para Compostela...”

Esta evocação do meu mestre acudia-me ao espírito sempre que, nos dias de sol, me era grata a frescura daquele remanso, à beira do mosteiro [de S. Francisco de Caria]<sup>16</sup>.

Para além dos caminhos moçárabes, havia pelo menos o chamado *caminho leonês*, que, cruzando o moçárabe, demandava a Galiza por terras de Zamora e pelo Nordeste transmontano. Já Fernão Lopes (c. 1380-c. 1458) se lhe referiu na sua *Crónica de D. João I*: “E andamdo nestes trautos, açertouse de virem pera aly (Braguança) muitos almocreves e mercadores castelãos que hião cõ suas mercadorias pera a festa de Santiago de Gualiza que se cheguava no mes de Julho; e por que o lugar tinha vóz de Castela, hião por aly seguros e emtemdião vir”<sup>17</sup>.

É por isso que, de ambos os lados da fronteira, se encontram por vezes ermidas e paróquias de Santiago unidas por um mesmo caminho, ainda recentemente utilizado pelas populações dos dois países na procura de feiras e de festas. Apenas e só dois exemplos: quem viajava de Salamanca para Barca de Alva passava em Saldeana, freguesia de Santiago, e daí demandava a Quinta de Santiago, do concelho de Barca de Alva, rumo ao Norte; e quem atravessava a fronteira em Fuentes de Oñoro podia aí visitar a capela de Santiago, passando depois a Naves, do concelho de Almeida, uma freguesia de Santiago.

É de facto necessário meter um pouco de ordem em todo este assunto. Nós, os modernos, habituados a estradas e automóveis, não percebemos muitas vezes que quem andava a pé, gente simples e do povo, escolhia normalmente o caminho mais curto e directo. Só a seguir vieram os (poucos) relatos de viagem que hoje conhecemos, de gente rica e nobre que utilizava em princípio caminhos muito diferentes dos do povo.

É preciso afirmar, sem receios nem medo, que os caminhos de Santiago não são o que as pessoas ou instituições querem ou julgam; os caminhos de Santiago são o que são ou o que eram, têm lógicas e *psicológicas* que poucos entendem porque poucos os caminham. E eu não gosto de falar de caminhos. Não se pode ignorar que os caminhos palmilhados pela peregrinação jacobea se encheram de lugares de culto dedicados ao Apóstolo, e que é preciso conhecer uns para detectar os outros. Penso que há gente a mais, a falar de caminhos, e a menos, a estudar o fenómeno jacobeu em Portugal.

2. Alguns **santuários** e **mosteiros, porventura detentores de relíquias célebres**, bem como as suas **albergarias**, justificavam ou exigiam que alguns peregrinos, sobretudo os

mais ricos, se afastassem muitas vezes das rotas mais curtas: mas eles tinham cavalos, equipagem e criadagem.

Assim fizeram, por exemplo, Confalonieri e Fabio da Montalto, em 1592. No seu caminho para Compostela, tinham sido acolhidos no mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Pilar (foto 3). Ali certamente foram aconselhados e recomendados a procurarem um outro mosteiro da mesma Ordem, o de São Salvador de Moreira da Maia (foto 4), para a pernoita seguinte. Claro que quem, da Serra do Pilar, se dirigia a S. Pedro de Rates, tinha caminho muito mais curto<sup>18</sup>. Mas não encontrava hospedagem tão boa como a monástica de Moreira! E tratando-se do Núncio em Lisboa!



Foto 3



Foto 4

Esta procura das albergarias monásticas foi tão intensa aqui e ali que, por exemplo, no mosteiro de São Simão da Junqueira (foto 5), acabou por colocar-se uma imagem do Apóstolo Tiago na fachada da igreja (foto 6), e na igreja do mosteiro



Foto 5



Foto 6



Foto 7

de S. Gonçalo de Amarante, um peregrino, ergueu-se um altar de Santiago (foto 7). E na igreja do mosteiro de Santo André de Ancede (Baião) pode ver-se uma bela pintura do Apóstolo (foto 8).

Mas é verdade que havia muitas mais albergarias e de vários tipos. A de Vilar de Perdizes (foto 9), a julgar pelos edifícios ainda de pé, era certamente a maior. Criada em 1571, destinava-se expressamente ao "Agazalho dos romer de Santiago". Mas quantas mais não havia!<sup>19</sup> E a de Santa Valha (Valpaços) (foto 10) era claramente para *pobres peregrinos*.



Foto 8



Foto 9



Foto 10

3. As **paróquias de Santiago** eram, todas elas, atravessadas por vias de acesso a Compostela, mesmo no além-Tejo quando criadas pela Ordem de Santiago. Também aqui, quase sempre, a devoção popular a Santiago, se implantou no terreno ao ritmo da passagem dos peregrinos jacobeus. E nelas surgiram depois as imagens do Apóstolo, do peregrino ou do mata-mouros, as confrarias jacobeias, as festas, etc.

Como não recordar a belíssima situação e a imponente fachada da paróquia de Santiago de Mondrões, Vila Real (foto 11), mesmo ao lado da antiquíssima estrada romana ainda existente? (foto 12)



Foto 11



Foto 12

Claro que, hoje, muitas vezes, pouco resta<sup>20</sup>: é o caso do apeadeiro da CP (foto 13), na freguesia de Santiago de Subarrifana (Penafiel)!



Foto 13

4. De uma maneira geral, as muitas **imagens de Santiago** são relativamente tardias, representando ou o peregrino, ou o apóstolo-peregrino, ou o Mata-mouros.

De Santiago peregrino são as imagens, ainda ao culto, das ermidas de Santiago de Vila Cova de Caria (Caria, Moimenta da Beira) (foto 14) e de Santiago de Cepões (Lamego) (foto 15), e as das paroquiais de Santiago de Vilarelho da Raia (Chaves) (foto 16) e de Santiago de Entradas (Castro Verde) (foto 17). Rostos pesados e duros, de caminhantes, fábrica popular.



Foto 14



Foto 15



Foto 16



Foto 17

Abundam também as representações escultóricas mistas de Santiago, apóstolo e peregrino, umas de feição mais trabalhada, outras de factura popular ou artesanal, possivelmente as mais curiosas. São assim, por exemplo, as das paroquiais de Santiago de Várzea de Meruge (Seia) (foto 18), de Santiago de Lodões (Vila Flor) (foto 19), de Santiago de Pinheiro de Coja (Tábua) (foto 20) e de Santiago de Sampriz (Ponte da Barca) (foto 21), bem como as das ermidas de Santiago do Arestal (Junqueira, Vale de Cambra) (foto 22) e de Paredinhas (Paus, Resende) (foto 23). Sempre o livro, sempre o bordão, sempre o chapéu. Factura mais popular algumas, dignidade maior no talhe e no estofo outras.

Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Muito diferentes são as imagens do Mata-mouros. Sempre a cavalo, o Apóstolo empunha então uma lança ameaçadora, tendo ou não, a seus pés, um muçulmano ferido ou morto. Muitas vezes de feição popular, são quase sempre fortemente impressionantes. Posso recordar a do antigo altar de Santiago da Sé do Porto, hoje na paroquial de Santa Maria de Lamas (Santa Maria da Feira) (foto 24), a do frontispício do palacete da família Pinto Cardoso em Mirandela (foto 25) (originária do arco da *porta de Santiago* da derrubada muralha da vila) e o alto-relevo da frontaria da igreja de Santiago de Tavira (foto 26). Valentia e decisão no Porto e em Tavira, poder em Mirandela.



Foto 24



Foto 25

Foto 26



5. As muitas **ermidas de Santiago**, existentes e desaparecidas, foram, na sua grande maioria, edificadas a partir do séc. XVI, mas todas elas, rigorosamente, ao lado de caminhos mais ou menos importantes na peregrinação compostelana. Porque a devoção de Santiago não é de substituição (de um qualquer culto pagão), elas nunca se encontram no alto dos montes. E é inegável que elas são o testemunho da popularidade da devoção jacobea continuada num tempo em que a própria peregrinação começava a entrar em claro retrocesso, pois já a Reforma tinha lançado suspeitas sobre ela, e já a *Imitação de Cristo* tinha dito que *qui multo peregrinantur raro sanctificantur* (os que muito peregrinam pouco se santificam).

Quem não se encantaria com a situação desta, de Ourozinho, concelho de Penedono? (foto 27)



Foto 27

E as capelas-abertas de Mairos (Chaves) (foto 28), sobranceira já sobre a Galiza, e de Barbeita (Monção) (foto 29), prontas sempre a receber peregrinos a qualquer hora do dia e da noite!



Foto 28



Foto 29



Foto 30

## 6. Caminhos, pontes, poldras e fontes

No Portugal medieval, a rede viária era fundamentalmente a romana, já muito degradada embora. Pelo seu estado de conservação, recordaria especialmente a troço da calçada romana de Pousa Maria (Lordosa, Viseu) (foto 30), muito utilizada pelos peregrinos que saíam de Viseu para Norte, para o rio Douro.

Mas havia muitos outros caminhos, das estradas *karrarias* às simples sendas de pé posto. Muitos deles estão hoje abandonados mas ainda existem, sobretudo no interior (foto 31). É uma pena que progressivamente vão cedendo com os avanços do *progresso*! Quando tal, também em Portugal não se pode andar a pé!



Foto 31

Uma das grandes dificuldades com que os peregrinos se defrontavam era a travessia dos rios.

Não havia muitas pontes de fábrica romana em Portugal (poderei recordar a de Murça) (foto 32) mas, na Idade Média, multiplicou-se o seu número (a de Algosó, por exemplo, na antiga estrada Algosó-Vimioso) (foto 33) muito também ao sabor da peregrinação jacobea. Atravessar um rio significava muitas vezes não poder caminhar a direito e ser obrigado a dar uma grande volta na busca de uma ponte. Construir pontes era então uma obra de misericórdia. Em Portugal, são frequentes os donativos em dinheiro, deixados em testamento, *por minha alma*, para a construção ou reparação de pontes, as mais variadas: Cavez, Barcelos, Alfena, Canavezes, Mondim, Bouças, do Douro (que nunca chegou a ser construída), etc. Curiosamente, é contemplada muitas vezes a Ponte Áurea, de Auria ou simplesmente de Ourense. Não quer isto dizer que era muito útil aos peregrinos portugueses na demanda de Compostela?



Foto 32

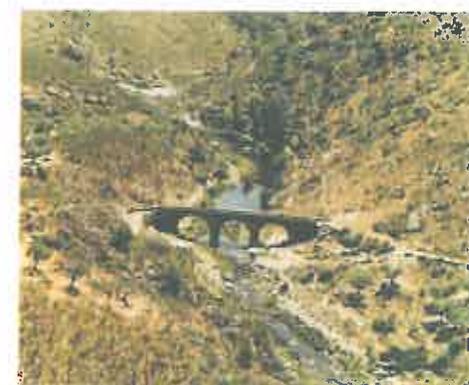


Foto 33



Foto 34

Entre todas as pontes antigas que ainda resistem ao tempo, cito, por razões óbvias, a *de Santiago*, do Couto de Ervededo (Chaves) (foto 34), coberta de vegetação bravia.

Claro que, ao lado destas pontes surgiram imediatamente as albergarias e as gafarias, também consideradas obras de misericórdia. Ao lado da de Alfena (foto 35), por exemplo, há ainda uma ermida dedicada a São Lázaro, o que resta da gafaria medieval que aí existia, também ela contemplada com imensos donativos deixados em testamento.



Foto 35

Foto 36



Quando não havia pontes, os rios atravessavam-se a pé, às vezes em poldras (as do Paiva, por exemplo) (foto 36), e as de Idanha-a-Velha (foto 37), ou numa barca de *por Deus* ou não.

Foto 37



É curioso o caso do rio Douro, sem pontes até finais do séc. XIX, portanto muito difícil de atravessar, sobretudo no Inverno. Abundavam, por isso, as barcas. Quando, nos finais do séc. XIX, se construiu a via-férrea, paralela ao seu curso, as estações foram marcadas exactamente nos lugares onde havia barcas de passagem, algumas das quais ainda funcionam, como é o caso da da Ermida (Baião) (foto 38). Não se admire ninguém do facto de, ao lado destas barcas de passagem ou destas estações ferroviárias, haver inúmeras paróquias e ermidas jacobeias ou dedicadas a outros santos associados ao fenómeno da peregrinação, São Gonçalo de Amarante, S. Cristóvão, S. Roque, etc<sup>21</sup>.

É o caso da barca de Porto de Rei, ainda existente. Porto de Rei (foto 39) era *um dos ancoradouros familiares dos "marinheiros" e dos arrais dos velhos barcos rabelos*, situado na margem esquerda do rio. *"A vila de Porto de Rei estava obrigada, por uso, a servir o porto (a boa passagem do Douro que aí há), e isso se fazia por alma dos reis (origem do topónimo): todos os que por aí transitassem, não pagavam foro ou passagem, quer trouxessem animais quer não"*<sup>22</sup>. A estação do caminho-de-ferro, de nome igual, foi construída na margem direita, mas a barca continuou e continua a ser necessária para fazer a ligação das duas margens. Aqui muitos peregrinos atravessaram o Douro, tanto que, passado o rio de barca, um pouco acima, em Tresouras (Baião) (foto 40), logo encontravam uma ermida de Santiago.

Um pouco a montante, nas Caldas de Moledo, instituiu D. Afonso Henriques uma das mais famosas barcas de *por Deus* da



Foto 38



Foto 39



Foto 40

nossa Idade Média. Nesse mesmo lugar, mas na margem esquerda do rio, instituiu D. Mafalda, sua mulher, a albergaria de Penajóia, para que nela se “albergarent omnes illi qui ibi albergare vellent”.

Ao lado dos caminhos, quaisquer que fossem, a refrescar o peregrino, surgia por vezes outra obra de misericórdia: uma fonte muitas vezes dita *de Santiago*. A que existia à entrada de Torre de Moncorvo (foto 41), freguesia que teve Santiago como orago até ao séc. XIX, é um exemplo. Muitas vezes a fonte já existia; mas, porque ali passavam muitos peregrinos, à do lugar do Monte (Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia) (foto 42), já um documento de 1112 chamava *de Santiago do Monte*. A ermida, que ainda hoje existe, essa só mais tarde foi construída.



Foto 41



Foto 42

Ajudar os peregrinos. Assim se percebe a decisão da Câmara de Guimarães que, em sessão de 22 de Agosto de 1624, garantiu ao Hospital da Misericórdia da Vila uma *pena de água* para que este pudesse assistir convenientemente aos muitos peregrinos que por ali passavam, visto “esta vila ser de passagem para S. Tiago da Galiza e S. Gonçalo de Amarante”<sup>23</sup>.

### 7. Artes menores

O pouco a que já me referi não nos dá a grandeza da memória jacobea em Portugal. Quanto mais haveria de lembrar! Claro que este não é o lugar para transcrever nem para contar lendas. É que Santiago também andou por Portugal, de Casal Senim (Miranda, Arcos de Valdevez) - foi de resto aqui que Santiago decidiu partir para Compostela, por isso há na aldeia uma ermida a ele dedicada (foto 43) - a Matosinhos, de Penafiel a Sernancelhe, e muitas terras mais!



Foto 43

Só esta (foto 44). O Apóstolo ia no seu cavalo, queria atravessar o rio, apesar da corrente que saltava caudalosa. Aventurou-se. A coisa não correu bem, quase se ia afofando se lhe não lançavam uma corda a que se agarrasse, já o cavalo ia água abaixo, e já as vieiras do apóstolo se perdiam no caudal do rio Sabor. O alto-relevo é da paroquia de Santiago de Parada (Alfândega da Fé).

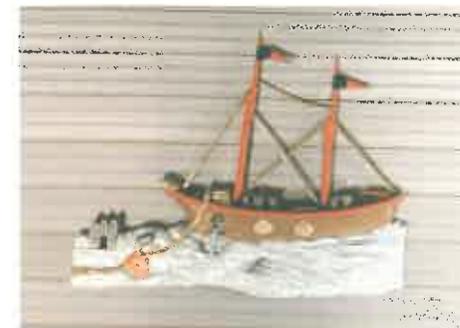


Foto 44

E o medalhão da cruz paroquia de Santiago de Figueiró (Amarante) (foto 45)?

E a pedra tumular de um peregrino jacobeu, de Ferreira (Paços de Ferreira) (foto 46)? E a enigmática coluna guardada na capela do Senhor do Olho vivo (da cidade do Porto)? E a porta da paroquia de Santiago de Milheirós (Maia) (foto 47) com os instrumentos do peregrino jacobeu, na sua parte esquerda? E a ilustração do *Santiago pinta o bago* de Santiago de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso) (foto 48)?



Foto 45



Foto 46



Foto 47



Foto 48

A pintura jacobea portuguesa poderá não ter grande história, mas é impressionante, sobretudo a popular. Veja-se este tecto de Santiago de Fontes (Santa Marta de Penaguião) (foto 49) ou estoutro do santoral de Bitarães (Paredes) (foto 50).



Foto 49



Foto 50

### 8. A devoção em decadência

A devoção a Santiago também em Portugal entrou em decadência.

Na freguesia de Santiago de Fontes (Santa Marta de Penaguião) (foto 51) pretenderam mesmo que *Dar pousada a peregrinos / Vale menos do que dar / moradia às pobres almas / no coração dum lugar*. A devoção a Santiago subalternizada à das almas!

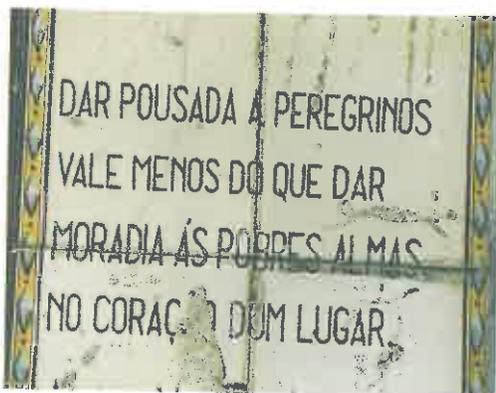


Foto 51

Não admira, pois, que o Apóstolo tenha sido, aqui e ali, confundido com S. Martinho (como em Santiago de Vila Chã, Ponte da Barca) (foto 52).

Mesmo em paróquias há muitos séculos a ele dedicadas, desapareceu já a devoção ao Apóstolo, como atrás disse. Ou seja, aconteceu-lhe o mesmo que à sua imagem do conjunto escultórico da fachada da igreja de Santiago de Seara Velha (Chaves) (foto 53) onde caiu o apóstolo e ficou só o cavalo? Dizem as gentes do lugar que nunca mais lá puseram outra imagem pois que se o Santiago caiu é porque não queria lá estar!

### A terminar

Tentei apresentar um simples apontamento de como é muito grande e muito rica a memória da devoção jacobea em Portugal. Não há razão nenhuma para resumirmos tudo aos interesses económicos da corda Lisboa / Valença. Há muito que estudar, há muito que descobrir e recolher. Oxalá este congresso ajude a fazer todo este trabalho!

E já agora, expliquem-me lá o que possa estar a fazer este barco de pedra ao lado da ermida de Nossa Senhora da Guia, defronte da paroquial de Santa Cruz do Bispo, Matosinhos (foto 54)!

Pontevedra, 22 de Março de 2007



Foto 52



Foto 53



Foto 54

## NOTAS

1. Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da – *Santiago em Portugal. A devoção e a peregrinação*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2001, pp. 49-61.
2. O *empíreo*, que poderá traduzir-se por o *céu*, era concretamente “a mais elevada das esferas em que a antiga astronomia considerava fixados os astros” (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 5ª edição, 1982).
3. “Est via sublimis, caelo manifesta sereno, / Lactea nomen habet; candore notabilis ipso. / Hac iter est superis ad magni tecta Tonantis, / Regalemque domum. Dextra laevaue deorum / Atria nobilium valvis celebrantur apertis. / Plebs habitant diversa locis. A fronte potentes / Caelicolæ, clarique suos posuere penates. / Hic locus est, quem, si verbis audacia detur, / Haud timeam magni dixisse palatia coeli”. Há uma tradução portuguesa desta obra de Ovídio feita por António Feliciano de Castilho, editada pela Imprensa Nacional, Lisboa, 1841, que aqui se não segue por demasiado compacta.
4. CÍCERO – *De republica*, Livro 6, XI: “... justitiam cole et pietatem: quæ quum sit magna in parentibus et propinquiis, tum in patria maxima est: ea vita via est in caelum, et in hunc coetum eorum, qui jam vixerunt, et corpore laxati illum incolunt locum, quem vides. Erat autem is splendidissimo candore inter flammam elucens circus, quem vos, ut a Graiis accepistis, orbem lacteum nuncupatis: ex quo omnia mihi contemplanti præclara cetera et mirabilia videbantur”.
5. Ocidente, do verbo latino *occidere*, *dar a morte, matar*.
6. RIBEIRO, Aquilino – *Uma luz ao longe*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 204.
7. Oriente, do verbo latino *oriri*, *nascer*.
8. Valério (623?-695) foi um eremita natural de Astorga, discípulo de S. Frutuoso, de que conhecemos, entre outros escritos, a *Carta em louvor de Etêria* (*in Analecta Bollandiana*, T. 29, Bruxelas, 1910, pp. 377 ss).
9. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães *Testamentos e Doações*, Vol II, p. 116.
10. COSTA, Avelino de Jesus da *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, I, 2ª ed., Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 1997, p. 198.
11. Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da “*A devoção popular a Santiago de Compostela em Portugal*”, *in Brigantia* 17 (1996) 77-114.
12. *Viajes de Extranjeros por España y Portugal desde los tiempos más remotos hasta comienzos del siglo XX*, recopilación, traducción y notas de J. García Mercadal, Vol. I, Junta de Castilla y León, 1999, pp. 254.267.
13. MÜNZER, Jerónimo – *Viaje por España y Portugal*, Madrid: Polifemo, 1991, pp. 165-166.
14. CAUCCI, Paolo – *Las peregrinaciones italianas a Santiago*, Santiago de Compostela: Porto, 1971, pp. 81-92.
15. VILLARROEL, Diego de Torres – *Vida*, 3ª ed., Madrid: Cátedra, 1998, p. 215.
16. *In Via Sinuosa*, Lisboa: Bertrand, 1960, pp. 9/10. Ver também *Lápides Partidas*, Lisboa, Bertrand, 1969, p. 179.
17. LOPES, Fernão – *Crónica de D. João I*, II Vol., Porto: Civilização, 1990, p. 181.
18. MAGALHÃES, Arlindo de – *A caminho de Santiago (da Serra do Pilar a S. Pedro de Rates)*, São Pedro de Rates: Associação de Amizade de S. Pedro de Rates, 1992.
19. Ver MARQUES, José – “*A assistência aos peregrinos no Norte de Portugal na Idade Média*”, *in Revista de História da Universidade do Porto*, XI (1991) 9-22.
20. Muitas paróquias jacobéias mudaram mesmo de invocação: Castelões, Vale de Cambra (de Santiago para O Salvador), Corujeira, Guarda (de Santiago para Nossa Senhora das Neves), Murça (de Santiago para Santa Maria), Torre de Moncorvo (de Santiago para Nossa Senhora da Assunção), Oliveira, Póvoa de Lanhoso (de Santiago para S. Cristóvão, tendo embora retornado à invocação jacobéia), Ourozinho, Penedono (terá balançado no séc. passado entre Santiago e Nossa Senhora da Assunção), Vila Meã, Vila Nova de Cerveira (terá passado da invocação de S. Paio para a de Santiago, tendo entretanto voltado à primitiva). O mesmo aconteceu a algumas ermidas, primitivamente de Santiago: Entre-os-Rios (de Santiago para S. Francisco), Carvalhais (Morgade, Montalegre: de Santiago para Senhora da Saúde), Sobradelo (Pinho, Boticas: de Santiago para Santo André), Vila Meã (Bornes, Vila Pouca de Aguiar: de Santiago para Santíssima Trindade).
21. A este propósito ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da – “*A travessia do rio Douro na peregrinação compostelana*”, *in Brigantia*, XIX (1999), 53-68.
22. “*São João de Fontoura*”, *in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 27, p. 495, 2ª coluna.
23. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães – *6º Livro das Vereações da Câmara*, fls 53-54.